

* Arqueóloga. Coordenadora do Museu de Lisboa- Teatro Romano (Câmara Municipal de Lisboa). Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património (CEAAP- UC)

Sobre a decoração arquitetónica da cidade romana de *Salacia*

Lídia Fernandes*

¹ O presente texto é o resultado da apresentação oral, realizada em 2009 no Congresso de homenagem ao Dr. João Carlos Faria 1.º Encontro de Arqueologia e História de Alcácer do Sal – 22 a 24 de maio de 2009.

A João Carlos Faria, que me deu a conhecer muitas destas pedras. Um colega, um amigo, um grande homem de Salacia. Para que a sua memória perdure.¹

Resumo Analisam-se vários elementos arquitetónicos da Época Romana existentes em Alcácer do Sal. A diversidade formal e decorativa que estas peças denotam permite tecer algumas considerações sobre as possíveis influências que a ornamentação arquitetural desta cidade terá sofrido durante o Período Romano, possibilitando a caracterização da plástica decorativa então em voga. Possíveis relações com outras regiões da província, como será o caso de *Olisipo* ou *Scalabis*, denunciadas por tiques de oficina que algumas das peças evidenciam, poderão concorrer para a definição de *ateliers* de produção deste tipo de elementos.

Abstract This article examines the Roman architectural elements existing in Alcácer do Sal. The formal and decorative diversity that the studied elements display allows one to make a few remarks about possible influences of the architectural ornaments of this city during the Roman period and the characterization of decoration then in vogue. Possible links with other regions of the province, as is the case of *Olisipo* or *Scalabis*, given away by the workshops distinguishing marks that some elements have may contribute to the definition of *ateliers* manufacturing such elements.



Fig. 1 – Face frontal do capitel jónico de coluna, peça n.º 1.

1. Introdução

O conjunto que analisamos é composto por oito capitéis e por três elementos arquitectónicos distintos: dois fragmentos de cornija e um fragmento de arquitrave.

Os capitéis distribuem-se por duas ordens arquitectónicas: a ordem coríntia e a jónica. A primeira integra dois subtipos, definidos pelas suas específicas características decorativas e ampla difusão que tiveram por todo o Império Romano, concretamente o tipo “corintizante”, aqui representado por dois exemplares, e o tipo de “folhas lisas”, também com duas peças. Na ordem jónica possuímos três capitéis que, ainda que semelhantes nas soluções formais e decorativas, ilustram distintas opções estéticas.

Os fragmentos de cornija e arquitrave, pela sua exuberante decoração, fornecem importantes dados referentes aos modelos, cartões de oficina e características técnicas deste tipo de elementos, permitindo uma complementaridade quanto à caracterização da plástica decorativa, então em voga, na cidade de *Salacia*.

A raridade de cornijas, arquitraves ou simples frios, simples ou decorados, em território nacional é marcante, constituindo estas peças importantes testemunhos da decoração dos edifícios que aqui terão existido. Apesar de ser extremamente difícil uma atribuição destas peças a um edifício específico, pelo carácter parcelar que nos é dado observar, pensamos que, pelas características evidenciadas por tais exemplares, seja pertinente colocar a hipótese de se tratar de elementos pertencentes originalmente a edifícios públicos.

Por fim, sublinhamos o facto destes exemplares se enquadrarem, cronologicamente, em distintas épocas das que, tradicionalmente — e pelo

crescente número de vestígios e estudos que vêm sendo disponibilizados — encontramos para o Período Romano em Alcácer do Sal. Com efeito, é para a primeira centúria que possuímos mais dados arqueológicos, sendo que nenhum dos exemplares que agora se apresentam se enquadra nesse período, uma vez que integram postulados ornamentais e formais atribuíveis aos finais da segunda centúria ou, na sua maioria, à seguinte.

2. Análise descritiva e comparativa

2.1. Peça 1: capitel jónico

Capitel jónico canónico de coluna (Fig. 1), com as faces iguais duas a duas². Neste exemplar jónico (Fernandes, 1997, 4 volumes, n.º 52) praticamente todo o equino está partido. Apenas se encontra visível parte das duas volutas, com canal ligeiramente côncavo e de enrolamento espiraliforme marcado por pequeno listel. As volutas justapõem-se ao equino o que, morfologicamente, afasta este exemplar das peças mais antigas, onde as volutas surgem salientes em relação ao equino, enquadrando-se no Tipo A de Herrmann, definido como estreito (Herrmann, 1988, p. 22). Parece não estar presente o ábaco, sendo substituído por um pequeno *scamillus*, amplo, que se sobrepõe ao equino sem abranger a parte lateral dos *pulvini*. Os seus contornos não são muito regulares o que, para além do mau estado de conservação da superfície, pode denunciar uma deficiência do acabamento, o que acontecia frequentemente pois esta parte da peça não seria visível quando o capitel integrasse o edifício a que se destinava. Por baixo do equino é possível observar um colarinho. Curiosamente, este cordão aparece

² Ao invés do “jónico itálico” onde as faces são iguais, decorando-se todas elas com *kymae* de óvulos com separadores correspondentes a flechas ou lancetas.

Fig. 2 – Face frontal do capitel jónico de coluna, peça n.º 2.



interrompido por baixo dos *pulvini*, parecendo estar decorado por uma composição de pérolas e astrágalos, ainda que a erosão da superfície não permita observar com mais detalhe este elemento. Quanto às faces laterais apenas é possível observar a presença de *pulvini* do tipo balaústre, divididos a meio por fuso, ou *balteus*, ladeado por dois listéis laterais.

A composição que observamos integra, tal como os exemplares que a seguir se descrevem, uma evolução do capitel jónico que se verifica nos séculos III e IV, traduzida numa crescente simplificação dos elementos formais, sendo o desaparecimento do ábaco uma das características mais evidentes. Apesar de não ser possível uma observação mais pormenorizada da peça pelo deficiente estado de conservação, quer o colarinho com pérolas e astrágalos quer o enrolamento espiraliforme e côncavo das volutas indicam um cuidado formal e ornamental possivelmente relacionado com tradições mais antigas. Por esta razão datamos este exemplar dos finais do século II ou dos inícios do século III.

2.2. Peça 2: capitel jónico

Capitel jónico de coluna (Fig. 2), sem ábaco mas com *scamillus* na parte superior da peça, ainda que de contorno pouco regular. Este exemplar apresenta o *kyma* decorado apenas com um semi-óvulo, acentuadamente largo mas pouco relevado, apresentando-se mais desenhado que esculpido. As molduras que ladeiam este elemento são duplas, de perfil convexo simples, estreitas mas abrangendo, no seu conjunto, uma parte importante da superfície do *kyma*. Dada a grande dimensão do óvulo e respectivas molduras, apenas sobra espaço para a inclusão, de

cada lado do óvulo, de duas lancetas delimitadas inferiormente também por dupla moldura.

As volutas frontais são de pequena dimensão e o equino integra-se no Tipo A de Herrmann (1988, p. 22), de equinos estreitos, semelhante ao exemplar anterior. As volutas não ultrapassam a parte inferior do equino e apresentam uma decoração espiraliforme, sem canal, justapondo-se ao *kyma*. Infelizmente, a superfície da face frontal das volutas não se conserva não sendo possível observar os seus pormenores decorativos.

Inferiormente, o equino finaliza no tradicional colarinho de pérolas e astrágalos ainda que este elemento nos surja completamente adulterado e afastado de modelo orgânico que esteve na origem da sua formulação. Com efeito, as pérolas encontram-se transformadas em pequenas molduras duplas, paralelas e pouco relevadas e os astrágalos são acentuadamente alongados, assemelhando-se a uma moldura convexa.

Os *pulvini*, que correspondem à parte lateral das volutas, apresentam-se divididos por um *balteus* que adopta a morfologia de uma grossa moldura sogueada. Nos toros laterais que ladeiam o *balteus*, observa-se uma decoração foliácea esquemática representada por sulcos oblíquos dispostos longitudinalmente que, apesar do desgaste da superfície, parecem corresponder a folhas de água estilizadas.

O conjunto decorativo deste exemplar apresenta soluções de um acentuado esquematismo. O óvulo central ocupa grande parte do equino e as molduras que o envolvem, assim como as lancetas, verticais, oferecem um geometrismo marcante. Uma solução decorativa muito semelhante pode ser observada num exemplar de Atenas datado dos inícios do século IV (Herrmann, 1988, fig. 179).

2.3. Peça 3: capitel jónico

Capitel jónico de coluna (Fig. 3), sem ábaco, possuindo um *scamillus* pouco espesso na sua parte superior. O *kyma* é decorado por três semi-óvulos apontados inferiormente. Uma grossa moldura ladeia estes elementos unindo-os pelas molduras que funcionam como um cordão único que rodeia os *ornamenta*. Entre estes elementos surgem lanceatas, sem moldura, apenas representadas na sua parte inferior pois a restante área é ocupada pelos óvulos e respetivas molduras.

As volutas apresentam-se justapostas ao equino, de enrolamento espiraliforme pouco acentuado, com algum relevo ainda que contido, parecendo estar presente, no respetivo centro, um pequeno botão sobrelevado de reduzida dimensão. Tal como na peça anterior, também aqui as volutas se posicionam no limite inferior do *kyma*, não ultrapassando essa altura. A finalizar o equino, observa-se uma moldura sogueada, espessa e de relevo acentuado. Inferiormente, uma pequena moldura lisa que se liga a uma pequena porção do *sumoscapo*, liso, finaliza a composição. Lateralmente, o *pulvinus* da peça apresenta-se dividido em duas partes (Fig. 4), separadas por um *balteus* composto por duas grossas molduras justapostas e colocadas perpendicularmente no balaústre. A decorar estas duas áreas do *pulvinus* encontram-se folhas estilizadas, talvez de água, mas sem que se consigam observar com clareza. Um sulco longitudinal indica o caule do elemento foliáceo e quatro lóbulos, com sulco central, que se dispõem lateralmente de um e do outro lado do caule.

O esquematismo decorativo, ainda que acentuado, permite observar uma qualidade executiva que se traduz num correto desenho dos elementos e num relevo acentuado dos mesmos. No entanto, a presença da moldura sogueada, aliada ao volume exagerado dos *ornamenta*, à ausência de ábaco e à simplificação dos *pulvini*, leva a considerar uma cronologia já dos inícios da terceira centúria.

2.4. Peça 4: capitel coríntio

Capitel coríntio de coluna composto por duas coroas de folhas (Fig. 5). A observação que se faz desta peça é a possível perante o enorme desgaste que a superfície apresenta. A peça é composta por duas coroas de folhas, em número de



Fig. 3 – Face frontal do capitel jónico de coluna, peça n.º 3.

Fig. 4 – Face lateral do capitel jónico de coluna, peça n.º 3.

oito, nas quais se observa um caule central marcado por três nervuras quase verticais.

Não é perceptível o número de lóbulos existentes em cada uma das folhas, apenas se conservando pequenas concavidades que marcam as zonas de separação dos mesmos (Fig. 6). As folhas são aderidas ao *kalathos*, apenas dele se desgarrando na sua parte superior. Por entre as folhas da *imma folia* elevam-se grossos caulículos — de onde saem hélices, cuja parte superior apresenta um enrolamento espiraliforme acentuado — e possivelmente também as folhas angulares e respetivas volutas, que suportavam os ângulos do ábaco. Nas faces livres do *kalathos* é ainda perceptível o caule e folhinhas que suportariam a flor do ábaco, ainda que nenhum destes elementos se conserve. Na generalidade imperam efeitos de claro/escuro, criados pelo relevo acentuado dos motivos; observa-se o uso pontual do trépano (por exemplo os pequenos pontos de sombra triangular na separação entre os lóbulos); a nervura da folha é marcada por três traços verticais que divergem na parte superior; presença de todos os elementos constituintes, tendo especial importância a presença da haste da flor do ábaco, uma vez que é

Fig. 5 – Capitel coríntio de coluna, peça n.º 4.



Fig. 6 – Pormenor das folhas da coroa inferior do capitel coríntio de coluna, peça n.º 4.



dos pormenores que mais cedo desaparece. Este capitel integra alguns dos indícios que conduzirão à perda definitiva da linguagem orgânica, o que ocorrerá a partir do século II, época em que pensamos esta peça terá sido produzida, ainda que seja possível integrá-la numa época um pouco anterior, talvez os finais do século I d.C.³

2.5. Peças 5 e 6: capitéis coríntios de folhas lisas

Capitéis de coluna que apresentam as folhas lisas sem qualquer decoração, derivando desse seu atributo tal designação. Estas duas peças apresentam características muito próximas, quer estilísticas quer morfométricas, o que leva a considerar a hipótese de terem pertencido a um mesmo edifício (Fernandes, 1997, n.ºs 89 e 90) (Figs. 7 e 8). Apresentam duas coroas de folhas, bastante estilizadas, de recorte contínuo e muito aderidas ao *kalathos*. Em número de oito, as folhas da *summa folia* apresentam-se ainda mais estilizadas devido

ao facto de serem acentuadamente altas. Em ambas as coroas, as folhas somente se desgarram do corpo da peça na sua parte superior. O capitel n.º 5 (Fig. 7) apresenta a superfície bujardada, ação levada a cabo em época que não é possível precisar, o que impediu a conservação dos seus pormenores decorativos.

Javier Domingo Magaña data o exemplar n.º 6 dos séculos IV/V, cronologia que nos parece demasiado tardia (Domingo, 2011, n.º 482). O autor chama a atenção para o facto de a flor de ábaco se encontrar substituída por um círculo. Esta simplificação encontra paralelos em peças ostienses dos finais do século II ou inícios do século III (Pensabene, 1973, pp. 415, 419). Este pormenor, entre outros, leva a atribuir uma mesma cronologia para estas duas peças que apontamos para os finais do século II ou, mais provavelmente, século III. Por sua vez, Filomena Limão (2010, vol. III, peça n.º EBR004, pp. 247–251) data estas peças dos séculos III/IV, ainda que não explicita as razões da sua atribuição a uma época mais tardia, baseando-se, por sua vez, nas formulações indicadas na bibliografia em que se baseia (Fernandes 1997, n.ºs 89 e 90).

Na parte superior do *kalathos* encontramos as pequenas hélices com terminação espiraliforme (mais evidente no capitel n.º 6) a unirem-se por baixo do ábaco (Fig. 8). Nos ângulos da peça, apesar de não se conservarem as folhas angulares que acompanhariam os ângulos do ábaco, observa-se o respetivo arranque. O seu limite, bem delineado, estabelece com o caule das hélices (que se desenvolvem em sentido inverso) zonas de sombra que evidenciam um desenho de acentuado esquematismo e geometrização.

A plástica é rígida mas a verticalidade das folhas, bem como alguma organicidade subjacente no desenho das hélices impedem uma integração deste exemplar nas correntes culturais e estilísticas mais tardias do século VII ao X correspondente quer às premissas enunciadas por Cruz Villalón para a arte visigótica, no caso da primeira datação, quer nas definidas pelos materiais muçulmanos, ou de inspiração, assim classificados por Cláudio Torres para a segunda indicação cronológica. A utilização do mármore nos capitéis de folhas lisas, apenas ocorre em território hispano, a partir do século II (Gutiérrez, 1992, p. 153; Cressedi, 1952, p. 10). O facto de estes exemplares serem realizados em tal material indica, à partida, estarmos em presença de peças de elevada qualidade apesar da sua simplicidade. No entanto, não pode-

³ O desgaste acentuado da superfície impossibilita uma descrição mais pormenorizada, impedindo uma calibração da cronologia agora apresentada. Não podemos deixar de preconizar a urgente necessidade de remover esta peça do local onde se encontra com perigo de se deteriorar irremediavelmente.

mos esquecer que o mármore, antes como hoje, era uma matéria-prima abundante na região.

A peça n.º 6 (Fig. 8) tem a particularidade de apresentar, numa das folhas da coroa, uma gravação claramente intencional, com talhe cuidado feita por percussão indireta (Fig. 9).

Apesar da dificuldade na interpretação, visualizamos uma figura com a forma **d** e ao lado um pequeno **x**. Se invertermos a primeira imagem, obtemos um **P** e se adicionarmos a cruz, podemos interpretar este conjunto como um *crismon* (Fig. 10). Ainda que na maioria dos casos P e X se encontrem sobrepostos, o que aqui não ocorre, pensamos não ser de afastar a ideia apresentada, a qual nos parece mais plausível do que a hipótese de se tratar da assinatura de canteiro, coeva do talhe da peça⁴.

2.6. Peças 7 e 8: capitéis corintizantes

Analisamos estes dois exemplares em conjunto pois as suas características decorativas são muito semelhantes (Figs. 11 e 13). A diferença fundamental reside no facto de a peça n.º 7 ser um capitel de coluna enquanto a peça 8 é de pilastra, não se tratando, pois, de uma peça exenta, destinando-se a ser integrada na estrutura do edifício.

Quanto ao exemplar 7 (Fig. 11) observamos uma *imma folia* de palmetas compostas por oito lóbulos carnudos⁵ (estes lóbulos arrancam da base da palmeta, ou seja, da parte inferior do capitel, excepto o lóbulo superior), quatro de cada lado de um caule central definido por três nervuras.

Pequenos pontos de trépano, alongados, marcam duas das separações lobulares. As faces do *kalathos* são decoradas por dois motivos, ambos liriformes. Um é composto por duas hastes vegetalistas (Fig. 11), simétricas que se unem na parte superior da face (união marcada por uma cartela retangular) e que depois divergem em sentido oposto finalizando em duas rosetas quadripétalas com botão central relevado. A parte superior das hastes articula-se em quatro lóbulos alongados, de terminação em forma de gota. O outro motivo é uma palmeta composta por seis lóbulos (Fig. 12), bem individualizados, três de cada lado de uma nervura vertical, que finalizam num círculo.

Um quarto lóbulo inferior, de cada lado, finaliza em roseta tetrapétala com botão central relevado. Este motivo é muito curioso uma vez que conhecemos paralelos decalcáveis em Cadafais, Santa-



Fig. 7 – Capitel coríntio de folhas lisas de coluna, peça n.º 5.



Fig. 8 – Capitel coríntio de folhas lisas de coluna, peça n.º 6.

rém, Lisboa e Itálica (Fig. 15). Sobre este aspeto nos debruçaremos mais detalhadamente no último capítulo. Outros pormenores preenchem as poucas áreas disponíveis do corpo da peça, como seja o caso de pequeninas palmetas que saem da parte superior das folhas angulares de cada lado do motivo das hastes afrontadas.

As volutas angulares são substituídas por folhas, o que define o próprio capitel corintizante, tal como o identificou pela primeira vez Ronckzewsky em 1923.

As diferenças que detetamos na peça 8, consistem no facto de apenas se encontrar totalmente explanado o motivo das hastes afrontadas que abrange a única face completa do *kalathos* (Fig. 13). Nas duas meias faces restantes observa-se a palmeta com os lóbulos de terminação circular, mas apenas metade do motivo, isto é, os três lóbulos de terminação circular e o quarto lóbulo finalizando em roseta (Fig. 14).

É de sublinhar, igualmente, a qualidade das palmetas inferiores. Bem delineadas, quase contrastando com o talhe, um pouco em bisel, que se

⁴ Apesar de serem raros os casos onde ocorre a assinatura, conhecemos dois exemplares em Óstia (Pensabene, 1973, Távola LXXIII, n.º 119 e 368) datados, respetivamente, dos finais do século II e do século IV e em Perugia (Cencioli, 1977–1978, Tav. IV–V, n.º 2; Tav. VI, n.º 4; Tav. VII, n.º 5) em peças datadas da época de Adriano. Em todos os exemplos referidos as gravações aparecem inscritas no ábaco.

⁵ Estes lóbulos arrancam da base da palmeta (excepto o superior), ou seja, da parte inferior do capitel.

Fig. 9 – Pormenor da gravação no elemento foliáceo da peça n.º 6.



Fig. 10 – Inversão da gravação no elemento foliáceo da peça n.º 6.



Fig. 11 – Capitel corintizante de coluna, motivo liriforme da face central, peça n.º 7.



Fig. 12 – Capitel corintizante de coluna, motivo da palmeta da face central, peça n.º 7.



observa no motivo central do *kalathos*. Com efeito, as palmetas inferiores parecem ter sido feitas por outra mão, evidenciando um acabamento mais cuidado e, também, mais padronizado. Ambos os exemplares se podem atribuir ao século III, provavelmente aos finais da centúria, enquadrando-se na temática decorativa deste tipo de peças, sendo o motivo liriforme o mais habitual por todo o Império, seguindo-se o da palmeta.

2.7. Peça 9: arquitrave (fragmento)

Fragmento de arquitrave com perfil em *cyma* reversa e decorada por folhas acantizantes (Fig. 16). Estas folhas apresentam três lóbulos de cada lado de um caule central vertical, em forma de Y invertido. Os lóbulos são largos e a sua terminação é romboidal, muito semelhantes aos lóbulos das folhas que decoram os capitéis corintizantes do século II. Pequenos pontos de trépano marcam as separações lobulares. O pouco relevo que esta decoração

ostenta, sendo mais desenhada que esculpida, impede a criação de uma dinâmica decorativa ou de acentuados efeitos de claro/escuro.

A peça conserva, na parte superior, um recorte reto para integração no elemento arquitetónico superior, isto é, na arquitrave que se sobreporia à cornija. Posteriormente, em época indeterminada, foi realizada uma concavidade na parte inferior do elemento arquitetónico, tendo destruído uma parte da sua face frontal.

2.8. Peça 10: cornija (fragmento)

Cornija decorada pelo motivo das mísulas e caixotões (Fig. 17). As primeiras, quadradas e molduradas, parecem ser lisas ainda que não se conserve nenhuma completa. Os segundos são decorados por uma flor em girândola de seis pétalas, com relevo acentuado mas sem botão central. Este motivo é típico da época de Augusto, ainda que o motivo que aqui vemos se afaste claramente da

estética e perfeição que tais motivos ornamentais então possuíam.

A parte restante da cornija, apresenta uma moldura com pequenos denticulos, com dimensões pouco uniformes. Uma outra moldura apresenta uma decoração vegetalista, ainda que a pequena porção conservada não permita identificar o motivo. A reduzida dimensão deste fragmento impede de se saber qual a proporção entre os vários elementos que o compõem⁶, sendo muito difícil uma atribuição cronológica. A morfologia da girândola, no entanto, pode apontar para o século II ainda que a pouca regularidade do talhe dos vários elementos nos indique ou uma oficina de fraca qualidade ou uma cronologia da terceira centúria, onde a retidão do traço se perdeu a favor de um maior efeito plástico.

2.9. Peça 11: cornija (fragmento)

Cornija incompleta (Fig. 18), mas que corresponde a um dos ângulos do edifício pois conserva duas faces decoradas. A ornamentação é muito profusa e organiza-se em vários registos de acordo com a própria morfologia da cornija. Assim, na base, junto à face de assentamento inferior, observa-se um cordão, de relevo saliente, decorado pelo motivo tradicional de astrágalos e óvulos. A superfície apresenta acentuado desgaste pelo que não é possível perceber a pormenorização dos motivos e, por tal facto, inferir se a simplicidade que apresentam será mais resultado do desgaste ou se do imperfeito acabamento ornamental.

Uma moldura reta estabelece a ligação a um novo registo decorativo. Aqui apresenta-se uma composição onde mísulas, bastante separadas entre si e de dimensão relativamente pequena, alternam com caixotões largos. As primeiras são decoradas por folhas acantizantes com três lóbulos de cada lado dispostos ao longo de um caule vertical. Estas folhas são bastante esquemáticas, apesar da perfeição e simetria do desenho. Quatro pontos de trépano, redondos e profundos, sem qualquer tratamento, constituem elementos decorativos com imediatos efeitos de claro/escuro. Estas folhas são semelhantes às que havíamos observado na peça 9 e são, também elas, que nos oferecem os principais indícios cronológicos, uma vez que os lóbulos apresentam um tratamento muito semelhante ao que vemos empregue em capitéis, especialmente corintizantes, datáveis do século II⁷. No entanto, esta cornija encontra-se decorada por



Fig. 13 – Capitel corintizante de pilastra, motivo liriforme da face central, peça n.º 8.



Fig. 14 – Capitel corintizante de pilastra, motivo da palmeta da face central, peça n.º 8.

um *kyma* jónico. A qualidade deste registo jónico e a delineação dos seus motivos, leva a ponderar a esquematização das folhas observadas nas mísulas.

As separações entre semi-óvulos e lancetas, com as molduras bem delineadas e separadas entre si, oferece paralelos com exemplares júlio-cláudios como se pode observar numa cornija de *Colonia Patricia* (Márquez, 1998, p. 43, n.º 133)

Os caixotões são decorados por rosetas, compostas por quatro pétalas muito relevadas, com botão central e separadas entre si por profundos pontos de trépano. A rodear rosetas e contornando os caixotões e mísulas continua o *kyma* jónico que, por sua vez, também rodeia a roseta com a sua moldura de semi-óvulos, largos, bem desenhados e relevados, rodeados por molduras e, entre aqueles posicionam-se lancetas de fino recorte.

Por cima deste registo, e constituindo a moldura superior de terminação da cornija, a peça encon-

⁶ A proporção entre a dimensão dos caixotões e mísulas, pode fornecer dados cronológicos quanto a estes elementos arquitectónicos. O facto de a superfície da mísula não se conservar impede saber se, como seria tradicional, existiria uma folha de acanto a decorá-la.

⁷ Como um exemplar de Sevilha, ainda dos finais do século I (Gutiérrez, 1992, n.º 801); um de Córdova, reaproveitado no interior da mesquita, da seguinte centúria (Gutiérrez, 1992, n.º 825), ou várias peças de Óstia, também do século II (Pensabene, 1973, n.ºs 559, 560, 561). Em território nacional apontamos o caso do capitel corintizante da Casa dos Bicos (Fernandes, 1997, n.º 101, 1990, pp. 113–135); Trasmagal (Constância) (Fernandes, 1997, n.º 97) ou peças de Santarém (Fernandes, 1997, n.º 98, 2003, pp. 65–80.

Fig. 15 – Pormenor da decoração dos capitéis coríntizantes com palmetas de terminação lobular em círculo: 1 – Cadafais; 2 – Santarém; 3 – Lisboa; 4 – Itálica.



Fot. 16 – Fragmento de arquitrave decorada, peça n.º 9.



Fig. 17 – Fragmento de cornija decorada, peça n.º 10.



gia decorativa não se encontra presente no exemplar de *Salacia*, uma vez que não se regista qualquer moldura lésbica.

3. Considerações gerais sobre a plástica decorativa de *Salacia* romana

As peças que acabámos de analisar, apesar de em reduzido número, evidenciam alguns aspetos da plástica decorativa de época romana nesta região ocidental da província da *Lusitania* e, em particular, sobre as opções técnicas e estéticas adotadas pela população de *Salacia*.

Ainda que tenhamos que relativizar alguma intenção generalista para a qual possamos tender, não esqueçamos que as peças apresentadas são os raros sobreviventes de um longo processo de seleção. Fruto de reutilizações posteriores e de abandonos ditados pelo tempo, os oito capitéis e os restantes elementos arquitetónicos, constituem uma mera ilustração do infindável número de peças que decorariam os edifícios, públicos e privados, da antiga cidade romana de *Salacia*.

Esta reutilização dos antigos elementos arquitetónicos, fenómeno global e recorrente tanto no passado como no presente pode, pragmaticamente, ser comprovado pelo exemplar n.º 4 que hoje pode ser observado na Calçada de St.ª Luzia, em

tra-se fracturada pelo que não é possível observar a sua finalização. No entanto, é possível registar igualmente um *kyma* jónico, talvez semelhante ao analisado inferiormente.

O *kyma* jónico é frequente em época augustana e júlio-cláudia, como se pode constatar no fórum de Augusto ou no templo de Saturno. Não obstante, a sequência decorativa nestas cornijas é a de *kyma* jónico / denticulos / *kyma* lésbio. Este esquema é igualmente seguido no pórtico do fórum de Mérida (Gutiérrez, 2003, pp. 223, 224).

Deste modo, apontaríamos uma cronologia talvez um pouco mais tardia que a época júlio-cláudia, indiciada pelas folhas acantizantes mais esquemáticas mas que mantém um *kyma* jónico bem delineado, ainda que se assinale que aquela trilo-

Alcácer do Sal. Encimando o muro da rua, a cor escura da superfície do capitel contrasta com a cal branca do muro, constituindo-se como uma verdadeira marca do tempo. A suportá-lo, também um fuste de mármore cinzento constitui mais um exemplo da reutilização até aos nossos dias de elementos arquitetónicos romanos.

Um primeiro aspeto a salientar é o da ordem arquitetónica em presença. A presença de três capitéis jónicos documenta que é esta a ordem arquitetónica melhor representada. Sublinha-se, de igual modo, o facto de todos os exemplares se enquadrarem cronologicamente no século III d.C., o que leva a tecer algumas considerações sobre a utilização desta ordem arquitetónica em território actualmente nacional, mais precisamente na zona mais ocidental da província da Lusitânia. Com efeito, e ao contrário do que podemos observar em outras regiões do Império, esta ordem parece ter atraído a atenção da região mais ocidental da Lusitânia, ao ter sido esta a ordem empregue na decoração do teatro romano de Lisboa nos inícios do século I d.C. (Fernandes, 2009, pp. 223–239, 2011, pp. 263–311, 2012, pp. 131–148).

Com efeito, edificada provavelmente nos inícios do século I d.C., a *frons scaenae* foi decorada com capitéis jónicos, de distintos módulos, de modo a adequar-se aos vários andares da fachada de cena. Apesar de não ser inusitada a utilização desta ordem no início da nossa era, estranho é que estes capitéis não tenham sido substituídos no decurso da longa vida deste equipamento público da cidade de *Olisipo* (Fernandes, 2007a, p. 37) como aconteceu, por exemplo, no caso do teatro de Mérida.

Os estudos mais recentes, para o caso do teatro da capital da província da Lusitânia, apontam no sentido de os capitéis que hoje se visualizam no pórtico *post scaenium* terem sido os que, originalmente, teriam sido usados na original *frons scaenae* do teatro (Röring, 2010, pp. 163–172). Curiosamente, estes capitéis jónicos são dos mais antigos, empregando a técnica tardo-republicana da utilização da pedra local revestida a estuque. Esta é, igualmente, a técnica empregue nos capitéis de *Olisipo*.

Um fenómeno similar encontra-se no teatro de Itálica. Também aqui os capitéis do peristilo do *post scaenium* não são substituídos, ao contrário do que acontece na fachada cénica (Rodríguez, 2004, pp. 259, 260). Se naquele primeiro espaço se conservam os capitéis toscanos, talhados na pedra local e revestidos a estuque, na fachada interna



Fig. 18 – Fragmento de cornija decorada, peça n.º 11.

do teatro são capitéis coríntios, talhados em mármore, que substituem os antigos exemplares.

A razão que subjaz à manutenção da ordem toscana e da ordem jónica — com uma morfologia que pode ser considerada retrógrada face à exuberância da ornamentação coríntia que rapidamente passa a atrair as atenções — constitui, em nossa opinião, uma decisão claramente intencional, que mantém estas peças como um garante da autenticidade, como um símbolo dos primeiros tempos da romanização e da imagem de Augusto. Se tivermos em conta que estes exemplares, ou os edifícios em que se integram, foram alvo de arranjos sucessivos, como se comprova facilmente nas peças de Itálica onde se observam múltiplas capas de estuque sobreposto (Rodríguez, 2006, p. 158), mais evidente se depara a intencionalidade desta manutenção. Estamos pois, perante uma marca ou símbolo do primeiro momento urbanístico das cidades (Fernandes, no prelo). De sublinhar, não obstante, que esta imutabilidade ornamental não significa uma “paragem no tempo”. De facto, no teatro romano de Lisboa, tal como no teatro de Itálica, existe uma atualização do repertório decorativo mesmo nestas peças mais antigas, o que se verifica, por exemplo, na alteração de cota do pavimento do *post scaenium*, com uma nova camada de estuque que as bases passam a ter, o que se sublinhará, em tempos mais tardios, com a construção de um murete nos intercolúnios e com um revestimento de ladrilho da parte inferior da base (Rodríguez, 2004, p. 272, fig. 79).

No preciso caso do teatro de *Olisipo*, apesar de não existir qualquer alteração da fachada cénica (é o que se conclui dos dados até agora disponíveis), presenciámos uma profunda alteração decorativa na estrutura do *proscenium* com o emprego

de mármore, o que permite posicionar cronologicamente, no que à região mais ocidental do Império diz respeito, o emprego deste novo tipo de matéria-prima⁸.

Mas retomando o tema original da utilização da ordem jónica em território actualmente nacional, observamos que ela "... voltará a atrair as atenções quando as peças diminuïrem de tamanho e quando a decoração for realizada no próprio bloco pétreo" (Fernandes, 2007b, p. 327). Com efeito, o crescimento do emprego de capitéis jónicos surge no século III e na seguinte centúria, mas integrando agora novas correntes técnicas e estilísticas: as peças diminuem de tamanho; o ábaco desaparece, sendo substituído por um *scamillus*; a decoração é menos orgânica; desaparecem elementos decorativos; as peças tornam-se mais "atarracadas" e a decoração é talhada no próprio bloco pétreo, abandonando-se a anterior tradição republicana de a esculpir em estuque.

Assistimos, nesta região da *Lusitania*, a um recrudescimento deste tipo de capitel, o que coloca esta zona provincial a par do que ocorre no centro do Império (Pensabene, 1973, pp. 241, 242). Ao invés, na restante *Hispania*, parece que o quadro delineado é distinto sendo o capitel coríntio que, em definitivo, atrairá as atenções da população (Gutiérrez, 1992, p. 56).

Se observarmos o emprego de alguns pormenores decorativos de carácter mais tradicional, como será o caso do emprego das lancetas, tão habitual nos inícios do século I ou em épocas anteriores, verificamos que esse repertório é redescoberto — tal como o havia sido na época de Adriano, por exemplo — mas agora traduzido de forma livre, adulterado e afastado, em definitivo, do mundo orgânico que lhe deu origem. É o caso das lancetas que entram, de novo, nos reportórios decorativos do capitel jónico, preterindo-se as tradicionais pontas de flecha da Época Flávia.

Pormenores técnicos, como o emprego do *scamillus*, poderiam fazer pensar num crescente cuidado técnico. Esta parte do capitel que surge na face de assentamento superior do ábaco, constitui um

... recurso de *anathyrosis* consistente en un cuadrado en ligero resalte en el plano superior del ábaco, encargado de concentrar y distribuir las presiones del conjunto canalizadas através del entablamento (Rodríguez, 2003, p. 360).

A autora refere este elemento ao analisar os capitéis coríntios da fachada cénica do teatro de Itálica datados dos finais do século II ou dos inícios do século III (Rodríguez, 2003, p. 360). No entanto, ainda que nas peças de Alcácer do Sal esteja presente o *scamillus*, há a contrapor o aspeto grosseiro e pouco proporcionado dos exemplares, contrastando assim com o que pode ser considerado como um pretensiosismo do *atelier* uma vez que a sua função prática não se verifica.

Na *Lusitania* ocidental temos conhecimento de vários capitéis jónicos com *scamillus* ainda que a presença deste elemento ocorra, invariavelmente, em peças tardias, como acontece em vários exemplares da cidade de *Olisipo* ou do seu *territorium* (Fernandes, 1998, pp. 221–284, 2004, pp. 21–36, 2007b, pp. 291–336).

Se, por um lado, estes capitéis jónicos nos ilustram uma última etapa de recrudescimento na utilização desta ordem arquitetónica, seguindo uma tendência centro-imperial, por outro atestam uma linguagem plástica eclética que se prende mais com o gosto local e uso anacrónico de cartões do que, verdadeiramente, com uma elaboração específica, traduzida pelo gosto do encomendante ou do *atelier*.

Ainda quanto à ordem jónica, outro aspeto a sublinhar é o de possuímos três exemplares diferentes. Uma vez que a cronologia em que se integram não é substancialmente distinta, o facto de apresentarem claras diferenças formais e decorativas, indica que foram produzidos por distintos *ateliers*. Significa isto que, pelo menos durante um século, três oficinas laboraram neste local ou, tratando-se de oficinas itinerantes, três delas possuíam clientela nesta cidade. À mesma conclusão se pode chegar quanto aos restantes elementos arquitetónicos, uma vez que se observam distintas soluções decorativas em peças formalmente idênticas (peça 9 por um lado e as peças 10 e 11 por outro). Outro aspeto a reter é o ser plausível a hipótese de alguma destas peças ter sido produzida pela mesma oficina que produziu os capitéis corintizantes (peças 7 e 8). A semelhança que se verifica nas terminações romboidais das folhas pode indiciar o mesmo local de fabrico, o que permite concluir por uma diversidade de produtos oferecida por uma mesma oficina. Esta hipótese é bastante importante, pois o que actualmente se conhece sobre a diversidade de produtos que poderiam ser oferecidos por um mesmo centro produtor é quase nulo. Voltando ainda à questão dos modelos que correriam pelo Império, divulgando as distintas modas

⁸ Esta remodelação encontra-se perfeitamente datada do ano 57 d.C., indicada pela titulação do imperador Nero, a quem é dedicada a obra, e que se encontra na inscrição que corre ao longo dos nichos centrais desta estrutura. Aí se publicita o facto de tal remodelação se dever a um ato de proselitismo de *Caius Heius Primus*, que mandou fazer a renovação da *orchestra* e do *proscenium* com os respectivos *ornamenta*. A inscrição pode reconstituir-se na sua maior parte. Às informações de CIL II 183 e de Silva, 1944, n.º 70 devem acrescentar-se as propostas de Garcia, 1991, n.º 490; Hauschild, 1990, pp. 376–377; Moita, 1995, p. 374; Fernandes, 2005, p. 30, n. 3.

ou correntes decorativas que se espalhavam a partir de Roma, o panorama pode ser acrescentado pelas informações que nos dão as restantes peças. Com efeito, especialmente o tipo corintizante — que se encontra representado por dois exemplares — comprova, de forma inquestionável, o emprego dos designados “Skizzen” ou “Musterbücher”, isto é, cartões decorativos, ou modelos, que eram comercializados e circulavam pelas oficinas do Império. Só desta forma se pode explicar a palmeta que vemos nas faces livres do *kalathos* dos exemplares n.ºs 7 e 8 e que têm paralelos formais decalcáveis de outros exemplares lusitanos, concretamente dos capitéis corintizantes que encontramos em Santarém (Fernandes, 2003, pp. 65–80) Cadafais (Alenquer) (Fernandes, 2012, pp. 131–148), Casa dos Bicos (Lisboa) (Fernandes, 1999, pp. 113–135), mas também de um exemplar de Itálica (Gutiérrez, 1998, n.º 835). A semelhança tão evidente que estes motivos apresentam entre si pressupõe claramente o emprego de modelos cartonados aplicados por simples transposição⁹. Todas estas peças seguem uma tradição decorativa de volumetria mais evidente dos diversos motivos decorativos, herdeira de uma tradição flávia mas, ainda assim, possivelmente datáveis já do século II d.C.

Em relação à peça de Itálica, em mais recente publicação, foi este exemplar datado do século V ou VI (Ahrens, 2012, p. 118). Apesar de esta cronologia nos parecer um pouco tardia, não há dúvida que a coroa inferior de folhas é de uma enorme estilização, exibindo uma morfologia de características tardias especialmente na coroa inferior de folhas onde pormenores como a extrema estilização e geometrismo acentuado irão, posteriormente, ser desenvolvidos em exemplares moçárabes, como os que podemos observar, no século X no Mosteiro de Sahagún, na província de León (Noack-Haley, 1990, pp. 39 e 40, Lám. III-d).

Um outro exemplo que pode ilustrar o emprego dos modelos cartonados é oferecido por outros pormenores também das peças 7 e 8 que, pelas semelhanças que evidenciam entre si, se destinariam a decorar um mesmo edifício. Uma análise mais cuidada mostra a utilização de distintos modelos ou a presença de diferentes mãos num mesmo *atelier*. Estas peças são paradigmáticas quanto ao que poderão ser as variações entre elementos arquitetónicos num mesmo edifício e numa mesma época. Com efeito, se à primeira vista estas peças são iguais, para além do facto

N.º PEÇA	CLASSIFICAÇÃO	SEC. I	SEC. II	SEC. III	SEC. IV
1	capitel jónico de coluna				
2	capitel jónico de coluna				
3	capitel jónico de coluna				
4	capitel coríntio de coluna				
5	capitel coríntio de folhas lisas de coluna				
6	capitel coríntio de folhas lisas de coluna				
7	capitel corintizante de coluna				
8	capitel corintizante de pilastra				
9	arquitrave decorada (fragmento)				
10	cornija decorada (fragmento)				
11	cornija decorada (fragmento)				

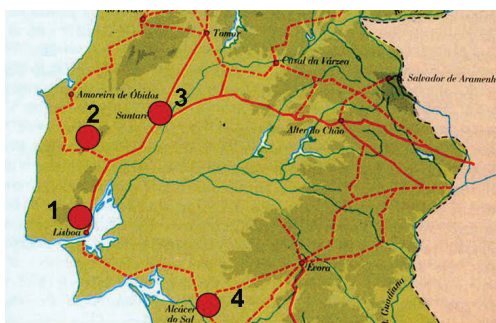


Fig. 19 – Área central do território actualmente nacional com as vias romanas e os locais onde se assinala a existência de capitéis corintizantes com palmetas de terminação lobular em círculo: 1 - Lisboa; 2 - Cadafais; 3 - Santarém; 4 - Alcácer. (Adaptação da imagem apresentada in *História de Portugal*, Coord. José Mattoso, vol. 1, Editorial Estampa, 1993, p. 258).

de uma ser de pilastra e outra de coluna, há pormenores que ilustram, de forma evidente, o que acima referimos: nas hastes afrontadas do exemplar 8 as terminações dos lóbulos são mais compridas, quase pontiagudas; os pontos de trépano no exemplar 7 são mais alongados do que as concavidades circulares da peça 8 e os lóbulos das palmetas da coroa inferior num exemplar partem da base, enquanto no outro arrancam da nervura central, assemelhando-se mais a folhas acantizantes do que a palmetas.

Por fim, o facto de um capitel de folhas lisas apresentar o que interpretamos ser um *crismon* leva a colocar a ideia da continuidade de emprego deste tipo de peças em épocas muito posteriores. Se bem que seja pertinente a hipótese de esta marca, a acreditar que se trate daquele símbolo, ser coevo da peça pensamos, no entanto, que ela será posterior. A gravação recorreu a um picotado grosseiro que contrasta claramente com o afeiçãoamento perfeito da superfície dos exemplares (Figs. 9 e 10). A manutenção de ocupação do espaço urbano, se bem que constitua um fenómeno pressentido e

⁹Sobre o emprego de modelos cartonados cf. Sauron, 1988, pp. 3–40.

natural, dificilmente poderá ser comprovado pela exclusiva presença dos exemplares que agora se apresentam. No entanto, a ocupação de Alcácer em épocas posteriores, amplamente comprovada que está¹⁰, constitui um substrato que justifica a continuação da utilização destes exemplares e a manutenção das encomendas emanadas por este centro urbano.

Como tivemos oportunidade de sublinhar, as peças analisadas integram-se em dois principais grupos cronológicos distintos: por um lado, o século II d.C., ainda que esta cronologia se possa recuar até aos finais do século I d.C., grupo onde se inclui o friso, arquitrave, cornija e capitel coríntio; por outro, um grupo bastante maior composto por todos os restantes capitéis, atribuíveis, em termos gerais, à terceira centúria, como se pode observar no Quadro 1, ainda que esta centúria possa, igualmente corresponder a peças dos finais da anterior ou, por outro lado, estender-se até aos inícios da seguinte. Não podemos deixar de sublinhar a enorme dificuldade em circunscrever uma datação a peças encontradas sem qualquer contexto.

A ocupação humana do local onde nasceu *Salacia* está bastante bem documentada desde a Idade do Ferro até aos dois primeiros séculos da nossa era. Neste período integram-se as peças do primeiro grupo acima referido. No entanto, para os restantes exemplares, em bastante maior número, não pode ser comprovada uma contextualização histórica similar. Com efeito, os dados existentes sobre a ocupação romana durante a terceira e quarta centúrias referem-se, quase exclusivamente, às *villae* identificadas nos arredores da cidade. Nestes casos, pelo contrário, atesta-se uma ocupação por vezes ininterrupta que se inicia na primeira centúria e que prolonga até ao século IV, como se verifica com os achados identificados na Horta do Crespo (Faria & Ferreira, 1986, 1993–1994), no Olival da Pedreira (Faria, 2007, p. 77), com o exemplo paradigmático do Olival do Senhor dos Mártires (Faria, 1986), ou a não menos importante *villa* de St.^a Catarina de Sítimos (Faria, 1987). Também algumas necrópoles nos arredores de *Salacia* apresentam cronologias da terceira centúria, como o indicam os materiais exumados perto do sítio de Malhadas (Sousa & Sepúlveda, 1977), em Porto Carro ou na Herdade dos Frades¹¹.

A importância que *Imperatoria Salacia* teve durante os primeiros séculos da nossa era é testemunhada pelos inúmeros vestígios que têm sido identificados e confirmados pelas mais recentes

intervenções arqueológicas. Os férteis terrenos desta zona que desde muito cedo foram explorados, aliado ao facto da estratégica localização do local, fizeram com que a cidade prosperasse. Este desenvolvimento viu-se interrompido com a crescente importância das cidades de *Caetobriga* e *Tróia*.

O conjunto de elementos arquitetónicos analisado permite obter alguns dados quanto às influências artísticas que a cidade de *Salacia* sofreu. Esta perspectiva é claramente incompleta, ficando por analisar elementos exumados dos arredores da cidade, como o caso do vulgar fuste de coluna de St.^a Catarina de Sítimos, decorado com folhas no imoscapo (Faria, 1987, pp. 91–92, 2007, pp. 77, 78, fig. 23) que, muito provavelmente, pela qualidade decorativa e técnica será de atribuir ao Alto Império. Outro aspeto para o qual não possuímos informação é o do contexto das peças agora apresentadas. Quase todas se encontravam reaproveitadas com novas funcionalidades, como é o caso do exemplar n.º 7 que serviu de base de mesa no café “O Quintal” (à entrada de Alcácer) e actualmente em exposição na Cripta Arqueológica do Castelo de Alcácer, ou as peças n.ºs 2, 3 e 8, aproveitadas como material de construção em antigas edificações da zona ribeirinha de Alcácer.

Ainda que seja tentador pensar que estas peças terão pertencido a uma qualquer edificação que terá existido nos locais onde foram encontradas, não podemos deixar de afirmar que somente peças com contexto definido poderão trazer esclarecimentos seguros sobre a decoração arquitetónica da cidade que Plínio designava por *Salacia Urbs Imperatoria*.

O facto de a cidade ter sido um importante centro de comércio explica a multiplicidade de soluções estéticas que vemos plasmadas nestas peças. Se os exemplares mais antigos, atribuíveis aos finais dos séculos I e, especialmente, ao século II d.C., acompanham os modelos em voga no centro do Império durante o mesmo período, as peças de épocas posteriores traduzem uma actualização do léxico ornamental, mas também uma diversidade que se traduz, antes de mais, na ordem e tipologia adoptada. Um aspeto de extrema relevância pode justificar esta atualização dos modelos, trata-se do facto de *Salacia* se situar numa das mais diretas ligações terrestres que ligavam *Olisipo* a *Augusta Emerita*. Em várias ocasiões tivemos oportunidade de sublinhar este aspeto¹² que, perante os exemplos dos pormenores decorativos

¹⁰ Entre muitos outros títulos indica-se apenas este remetendo-se para a bibliografia aí indicada: Carvalho, Faria & Ferreira, 2008.

¹¹ Para uma visão geral sobre a ocupação romana de *Salacia* e do seu território vide Faria, 2007.

¹² Esta foi uma das principais conclusões do trabalho apresentado em 1997 onde, pela análise de 116 exemplares provenientes da região compreendida entre as duas principais vias terrestres ligavam a cidade de *Olisipo* à capital da província da Lusitânia, conseguimos provar que existe uma influência direta da capital para o território sob a sua jurisdição.

dos capitéis corintizantes (terminação circular das palmetas) identificados em Santarém, Cadafais, Lisboa e Alcácer (com dois exemplares), sublinha tais influências uma vez que todos estes locais se implantam nas vias terrestres referidas (Fig. 19). Se procurarmos outros capitéis com idêntico pormenor, que poderíamos designar como estilo ou “tique de atelier” (Fernandes, 1997, vol. IV, pp. 264–273), encontramos uma peça em Itália (Gutiérrez, 1992, n.º 835), que mostra semelhanças evidentes quanto ao pormenor das terminações lobulares da palmeta central mas, também, uma similitude marcante sobretudo em relação ao capitel de Alcácer do Sal (Figs. 2 e 3). Estranho é que a autora que o publica date aquele do século III e a peça de Alcácer da centúria anterior, apesar de evidente proximidade morfológica e estilística que as duas peças evidenciam, aspeto ao qual já tivemos oportunidade de nos referir.

As influências decorativas que se vêm plasmadas nestas peças denunciam uma influência eclética, operada a partir da capital de província, mas também do sul da Hispânia e da região norte-africana, resultando em produtos finais originais e perfeitamente actualizados. Podemos afirmar, também em relação a este caso particular, que

O processo dito de «romanização» deve olhar-se como o de gestação de uma cultura que articulou elementos romanos com elementos indígenas, numa reestruturação da sociedade nunca concluída mas sempre em devir (Alarcão, 2004, p. 273).

4. Catálogo

Peça 1: Classificação: capitel jónico de coluna; Matéria: calcário; Dimensões (cm): alt.: 16; alt. ábaco: 5; dim. ábaco: 40 x 40; alt. equino: 8; alt. colarinho: 3; Est. Cons.: muito mau, equino totalmente desbastado, assim como os balaústres; Observações: a peça foi encontrada nas paredes do Convento de N.ª Sr.ª de Aracoeli, no decurso das obras de adaptação deste espaço a pousada (recolhido por João Carlos Faria, 1996); Bibliografia: Fernandes, 1997, n.º 52 (cf. descrições e análises nos 4 vol.). Fig. 1.

Peça 2: Classificação: capitel jónico de coluna; Matéria: mármore; Dimensões (cm): altura: 17; alt. *scamillus*: 2; dim. *scamillus*: 28 x 28; alt. equino: 9; compr. conservado balaústre: 31; larg. *balteus*:

3; alt. colarinho: 3; Est. Cons.: bastante bom ainda que a superfície se encontre erodida; Observações: encontrado no interior das paredes de algumas habitações junto à zona ribeirinha de Alcácer; Bibliografia: inédito. Fig. 2.

Peça 3: Classificação: capitel jónico de coluna; Matéria: calcário; Dimensões (cm): altura: 19; dim. cons. parte superior: 45 x 34; dim. *scamillus*: 18 x 18; alt. equino: 9; compr. balaústre: 14; larg. *balteus*: 5; Est. Cons.: muito fragmentado na parte superior e faces laterais; Observações: encontrado no interior das paredes de algumas habitações junto à zona ribeirinha de Alcácer; Bibliografia: inédito. Figs. 3 e 4.

Peça 4: Classificação: capitel coríntio de coluna; Matéria: mármore; Dimensões (cm): alt. 39,5; alt. 1.ª coroa de folhas: 12,5; alt. ábaco 4,5 (?); Est. Cons.: muito deficiente, não sendo possível observar a maior parte dos seus elementos decorativos, por este motivo, as medidas que se apresentam são muito incertas; Observações: encima o muro que ladeia a Calçada de St.ª Luzia¹³; Bibliografia: inédito. Figs. 5 e 6.

Peça 5: Classificação: capitel coríntio de folhas lisas, de coluna; Matéria: mármore; Dimensões (cm): altura: 44; alt. ábaco: 3; dim. ábaco: 51 x 54; altura *imma folia*: 12; altura *summa folia*: 24; diâmetro: 34; Est. Cons.: bom, ainda que a peça tenha sido modificada posteriormente, apresentando a superfície com um bujardado fino; Observações: em alguns locais observa-se uma fina camada de cal; Bibliografia: Fernandes, 1997, n.º 89 (cf. descrições e análises nos 4 vol.); Domingo, 2011, n.º 482; Limão, 2010, peça n.º EBR005. Fig. 7.

Peça 6: Classificação: capitel coríntio de folhas lisas, de coluna; Matéria: mármore; Dimensões (cm): altura: 41; alt. ábaco: 5; dim. ábaco: ?; altura *imma folia*: 10; altura *summa folia*: 26; diâmetro: 34; Est. Cons.: bastante bom, apesar de o ábaco se encontrar partido; Observações: durante muito tempo serviu de base a uma mesa no café “O Quintal” (variante à E.N. 5, sentido Lisboa/Alcácer, Quinta do Sr. José Baptista); Bibliografia: Fernandes, 1997, n.º 90 (cf. descrições e análises nos 4 vol.); Limão, 2010, peça n.º EBR004). Figs. 8–10.

Peça 7: Classificação: capitel corintizante de coluna; Matéria: calcário; Dimensões (cm): altura: 34; alt. ábaco: 5; altura *imma folia*: 16; diâmetro: 33; Est. Cons.: razoável, as folhas angulares apresentam deficiente estado e o ábaco tem todos os cantos partidos; Observações: desconhece-se qual a sua proveniência ou contexto do achado; Bibliografia: Gutiérrez, 1992, p. 192, n.º 834; Fernan-

¹³ Recomenda-se vivamente à Câmara Municipal de Alcácer do Sal, a quem agradecemos o convite para participar no merecido Colóquio de Homenagem a João Carlos Faria — onde apresentámos algumas das ideias agora expressas neste texto — que proceda rapidamente à remoção deste exemplar do local onde se encontra, com o risco de se perderem definitivamente os poucos vestígios decorativos que a peça ainda mantém.

des, 1997, n.º 106 (cf. descrições e análises nos 4 vol.); Limão, 2010, peça n.º EBR003. Figs. 11 e 12. Peça 8: Classificação: capitel corintizante de pilastira; Matéria: calcário; Dimensões (cm): altura: 37; alt. ábaco: 5; altura *imma folia*: 14,5; Est. Cons.: bastante bom apesar de um dos cantos do ábaco se encontrar partido; Observações: encontrado no interior das paredes de algumas habitações junto à zona ribeirinha de Alcácer; Bibliografia: inédito. Figs. 13 e 14.

Peça 9: Classificação: fragmento de arquitrave decorada; Matéria: mármore; Dimensões (cm): compr.: 43; Est. Cons.: bom, apesar de a peça apresentar um recorte de formato sensivelmente circular num dos lados o que terá sido

realizado em época posterior; Observações: desconhece-se o local de proveniência ou contexto do achado; Bibliografia: inédito. Fig. 16.

Peça 10: Classificação: fragmento de cornija decorada; Matéria: mármore; Dimensões (cm): compr. cons.: 22,5; larg.: 19; Est. Cons.: razoável, mas trata-se de um pequeno fragmento; Observações: desconhece-se o local de proveniência ou contexto do achado; Bibliografia: inédito. Fig. 17.

Peça 11: Classificação: fragmento de cornija decorada; Matéria: Est. Cons.: bom, ainda que se trate de um fragmento; Dimensões (cm): compr. cons.: 35; larg. cons.: 25; Observação: desconhece-se o local de proveniência ou contexto do achado; Bibliografia: inédito. Fig. 18.

Bibliografia citada

ALARCÃO, Jorge de (2005) - As cidades da Lusitânia: imagens de um processo cultural. In NOGALES BASARRATE, Trinidad, ed. - *Augusta Emerita: territorios, espacios, imágenes y gentes en Lusitania romana*. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano, pp. 259–273.

ÁLVAREZ MARTÍNEZ, José María; NOGALES BASARRATE, Trinidad (2004) – Programas decorativos del foro colonial de Augusta Emerita. El Templo de Diana – Templo de culto imperial. In *La Decoración arquitectónica en las provincias romanas de Occidente. Actas del Congreso Internacional celebrado en Cartagena (8/10 octubre de 2003)*. Murcia: Universidad, pp. 293–319.

AHRENS, Sven (2002) – Arquitectura y decoración arquitectónica de época paleocristiana y visigoda en Itálica (Sanitponce, prov. Sevilla). *Romula*. Sevilla. 1, pp. 107–124.

ANDREU PINTADO, Javier (1999) – Munificencia pública en la provincia Lusitania. *Conimbriga*. Coimbra. 38, pp. 31–63.

BARRERA ANTÓN, José Luis de la (1984) – Los capiteles romanos de Mérida. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano, Patronato Nacional de Museos.

CARVALHO, António Rafael; FARIA, João Carlos, FERREIRA, Marisol Aires (2008) – *Al-Qasr Alcácer do Sal: arqueologia e história de uma madina do Garb al-Andalus séc. VIII–XIII*. Alcácer do Sal: Câmara Municipal.

CENCIAIOLI, Luana (1977–1978) – I capitelli romani di Perugia. *Annali della Facoltà della Università degli Studi di Perugia. Studi Classici*. Perugia. 1, pp. 39–96.

CHINER MARTORELL, Paloma (1990) – *La decoración arquitectónica en Saguntum*. Valencia: Generalitat Valenciana.

DÍAZ MARTOS, Arturo (1960–1961) – Los capiteles romanos de orden corintio de España y problemas de su estudio. *Ampurias*. Barcelona. 22–23, pp. 223–237.

DOMINGO MAGAÑA, Javier Ángel (2011) – Capiteles tardorromanos y visigodos en la Península Ibérica (siglos IV–VIII d.C.). Tarragona: Institut Català d'Arqueologia Clàssica.

HAUSCHILD, Theodor (1992) – El templo romano de Évora. *Cuadernos de Arquitectura Romana*. Murcia. 1, pp. 107–117.

HERRMANN, John J. (1988) – *The Ionic capital in Late Antique Rome*. Roma: Giorgio Bretschneider.

FARIA, João Carlos Lázaro; FERREIRA, Marisol A. (1986) – Estações inéditas da época romana do concelho de Alcácer do Sal: breve notícia. *Conimbriga*. Coimbra. 25, pp. 41–51.

FARIA, João Carlos Lázaro; FERREIRA, Marisol A. (1993–1994) – Estação da Horta do Crespo (Alcácer do Sal). *Conimbriga*. Coimbra. 32–33, pp. 349–357.

FARIA, João Carlos Lázaro (1987) – Santa Catarina de Sítimos. *Informação Arqueológica*. Lisboa. 8, pp. 91–92.

FARIA, João Carlos Lázaro (2007) – *Alcácer do Sal ao tempo dos Romanos*. Lisboa: Colibri; Alcácer do Sal: Câmara Municipal.

FERNANDES, Lúcia (1997) – *Capitéis romanos da Lusitania ocidental*. Lisboa. Dissertação de Mestrado em História de Arte apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. 4 vols.

FERNANDES, Lúcia (1998) – Elementos arquitectónicos de época romana do concelho de Loures. In *Da vida e da morte: os Romanos em Loures (Arqueologia)*. Loures: Câmara Municipal, pp. 93–106.

- FERNANDES, Lídia (1998) – Capitéis romanos do Museu Nacional de Arqueologia. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV. 16, pp. 221–284.
- FERNANDES, Lídia (1999) – Elementos arquitectónicos de época romana da Casa dos Bicos – Lisboa. *Conimbriga*. Coimbra. 38, pp. 113–135.
- FERNANDES, Lídia (2001) – Capitéis do teatro romano de Lisboa. *Anas. Mérida*. 14, pp. 29–51.
- FERNANDES, Lídia (2003) – Capitéis romanos da Igreja de St.^a Maria da Alcáçova em Santarém. *Portugalia*. Porto. Nova série. 24, pp. 65–80.
- FERNANDES, Lídia (2004) – Decoração arquitectónica da villa romana de Frielas. In *Arqueologia como documento*. Loures: Museu Municipal, pp. 21–36.
- FERNANDES, Lídia (2007) – Teatro romano de Lisboa: os caminhos da descoberta e os percursos da investigação arqueológica. *Al-Madan*. Almada. 15, pp. 27–39.
- FERNANDES, Lídia (2007) – A decoração arquitectónica de época romana no *municipium Olisiponense*: a propósito de alguns elementos arquitectónicos da Praça da Figueira (Lisboa). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV. 25, pp. 291–336.
- FERNANDES, Lídia (2009) – Capitel das *Thermae Cassiorum* de Olisipo (Rua das Pedras Negras, Lisboa). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 12:2, pp. 223–239.
- FERNANDES, Lídia (2011) – A decoração arquitectónica de *Felicitas Iulia* Olisipo. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 14, pp. 263–311.
- FERNANDES, Lídia (2012) – A decoração arquitectónica de Época Romana – aspectos de centralidade/descentralidade entre o *territorium Olisiponense* e a capital da Lusitânia. *Cira Arqueologia*. Vila Franca de Xira. 1, pp. 131–147.
- FERNANDES, Lídia (no prelo) – A decoração arquitectónica augustana na parte ocidental da Lusitania: entre o arcaísmo e a consuetudo itálica. Congresso Internacional XIV A.D. SAECVLVM AVGVSTVM (Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 24 a 26 setembro de 2014). Lisboa.
- GUTIÉRREZ BEHEMERID, María Ángeles (1992) – *Capiteles romanos de la Península Ibérica*. Valladolid: Universidad.
- HERRMANN, John, J. (1988) – *The Ionic capital in late antique Rome*. Roma: Giorgio Bretschneider.
- LIMÃO, Filomena (2011) – *Capitéis da Antiguidade Tardia em Portugal (sécs. III/IV–VIII)*. Tese Doutoramento. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- MÁRQUEZ MORENO, Carlos (1998) – *La decoración arquitectónica de Colonia Patricia: una aproximación a la arquitectura y urbanismo de la Córdoba romana*. Córdoba: Publicaciones de la Universidad de Córdoba y Obra Social y Cultural Cajasur.
- NOACK-HALEY, Sabine (1990) – Capiteles mozárabes. In EWERT, Christian; CRESSIER, Patrick; ZOZAYA STABEL-HANSEN, Juan, eds. – *Coloquio Internacional de capiteles corintios prerrománicos e islámicos (ss. VI–XII d.C.)*. Madrid: Ministerio de Cultura, Dirección General de Bellas Artes y Archivos, pp. 37–52.
- PENSABENE, Patrizio (1973) – *Scavi di Ostia, VII: i capitelli*. Roma: Libreria dello Stato.
- RODRÍGUEZ GUTIÉRREZ, Oliva (2003) – Programas decorativos de época severiana em Itálica. In RAMALLO ASENSIO, Sebastián F., ed. – *La decoración arquitectónica en las ciudades romanas de occidente: actas del Congreso Internacional celebrado en Cartagena entre los días 8 y 10 de octubre de 2003*. Murcia: Universidad, pp. 355–377.
- RODRÍGUEZ GUTIÉRREZ, Oliva (2006) – El teatro romano de Itálica: algunas propuestas a la luz de las nuevas investigaciones. In *Los Teatros Romanos de Hispania. III Jornadas Cordobesas de Arqueología Andaluza* (Córdoba, 2002). Córdoba: Universidad, pp. 149–180.
- RONCKZEVSKY, Konstantin (1923) – Variantes des chapiteaux romains: matériaux pour l'étude de l'art décoratif. *Annales de l'Université de Latvie*. Riga. 8, pp. 115–174.
- RÖRING, Nicole (2010) – Nuevo estudio arquitectónico de la fachada escénica del teatro romano de Augusta Emerita. In *La Scaenae frons en la arquitectura teatral romana: actas del Symposium Internacional celebrado en Cartagena – 12 a 14 marzo 2009*. Murcia: Universidad; Fundación Teatro Romano de Cartagena, pp. 163–172.
- SAURON, Gilles (1988) – Le message esthétique des rinceaux de l'Ara Pacis Augustae. *Revue Archéologique*. Paris. Nouvelle Série. 8:1, pp. 3–40.
- SOUSA, Elvino Melim de; SEPÚLVEDA, Eurico (1997) – Materiais inéditos da necrópole romana da Herdade da Barrosinha (Alcácer do Sal): a colecção dos Comendadores Nunes Correia. *Conimbriga*. Coimbra. 36, pp. 103–122.
- TRILLMICH, Walter (1993) – Novedades en torno al programa iconográfico del teatro romano de Mérida. In NOGALES BASARRATE, Trinidad, ed. – *Actas de la I Reunión sobre Escultura Romana en Hispania*. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano, pp. 113–123.
- TRILLMICH, Walter (2004) – Los programas arquitectónicos de época julio-claudia en la Colonia Augusta Emerita. In RAMALLO ASENSIO, Sebastián F., ed. – *La decoración arquitectónica en las ciudades romanas de occidente: actas del Congreso Internacional celebrado en Cartagena entre los días 8 y 10 de octubre de 2003*. Murcia: Universidad, pp. 321–335.